

O Método no Centro

Resenha do livro *A experiência do labirinto: metodologia, história oral e educação matemática*, de Antonio Vicente Marafioti Garnica

Por Maria Laura Magalhães Gomes¹

Este livro resulta da tese de livre-docência do autor, apresentada em 2005 no Departamento de Matemática da Faculdade de Ciências da UNESP de Bauru, e intitulada *Um tema, dois ensaios: método, história oral, concepções, educação matemática*². Na Introdução, o leitor é informado que a obra pertence ao gênero literário do ensaio, “mais livre que um texto acadêmico de moldes tradicionais” (GARNICA, 2008, p. 13), e é composta de microtextos, “cada um deles tentando dialogar com os outros, e, em suma, defendendo uma visão de História Oral e pesquisa qualitativa tendo como pano de fundo o depoimento de Seu Nivaldo Mercúrio, um ex-hanseniano” (GARNICA, 2008, p. 15). O ensaio (ou o livro) organiza-se em cinco partes, denominadas: Um conto; Escritos d’ *Escritos sobre mitos, monstros e prisões* (percorrendo “A casa de Astérion”); Filhos de Astérion; Mineração, composição, desconstrução: análise?; Circunstâncias, contingências, complementações, conveniências.

O conto *A casa de Astérion*, de Jorge Luis Borges, publicado em 1949 no livro *O Aleph*, inaugura o ensaio, e, integralmente reproduzido,

¹ Doutora em Educação pela Universidade Estadual de Campinas/UNICAMP. Professora do Departamento de Matemática e do Programa de Pós-graduação em Educação da UFMG. Endereço para correspondência: Departamento de Matemática - Instituto de Ciências Exatas da UFMG. Av. Antonio Carlos, 6627. CEP 31270-901. Belo Horizonte MG. E-mail: laura@mat.ufmg.br

² Na Introdução, consta que a versão em livro foi composta pela exclusão de um dos ensaios do trabalho original – o que versa sobre concepções. Consultando o sumário da tese de livre-docência (GARNICA, 2005), verificamos que o conteúdo do livro foi nela apresentado como o Ensaio I, enquanto que o trabalho sobre concepções constitui o Ensaio II.

constitui sua primeira parte (Um conto). *A casa de Astérion* é a obra literária escolhida por Garnica para o empreendimento de um “exercício de novas aventuras em searas novas” (GARNICA, 2008, p. 13) – o que significa tomar como referência as formas artísticas. Neste livro, informa ainda a Introdução, tal exercício acompanha a retomada de empreendimentos anteriores do autor – os investimentos na Hermenêutica e nas concepções de história oral.

Astérion é uma conhecida figura da mitologia grega, o Minotauro, um ser metade homem, metade touro, filho da rainha Pasífae, esposa de Minos, o rei de Creta, com um touro. Minos prendeu Astérion em um enorme labirinto projetado por Dédalo, e o alimenta com sete rapazes e sete moças de Atenas que lhe envia de nove em nove anos. Isso ocorre até que Teseu, herói grego filho do rei Egeu, de Atenas, mata o Minotauro com uma espada. Teseu consegue encontrar a saída do labirinto graças a um novelo de fio que lhe foi dado pela princesa Ariadne, filha de Minos (MARTINEZ, C. F.; FERNANDEZ-GALIANO, E.; MELERO, 1981). No conto de Borges, a história é narrada pelo prisioneiro do labirinto, e, somente no final, o leitor que não souber que Astérion é o célebre Minotauro da mitologia grega o identificará através dos dois últimos parágrafos. Aí, o autor introduz Teseu e Ariadne na história de Astérion:

... O sol da manhã reverberou na espada de bronze. Já não restava qualquer vestígio de sangue.
– Acreditarás, Ariadne? – disse Teseu. O minotauro mal se defendeu (BORGES, apud GARNICA, 2008, p. 21).

A obra de Borges tem fascinado inúmeros leitores e pesquisadores, tendo-se produzido uma quantidade exuberante de estudos acerca do autor e seus escritos. A segunda parte do ensaio, “Escritos d’*Escritos mitos, monstros e prisões* (percorrendo “A casa de Astérion)””, toma como ponto de partida alguns desses estudos (mas os ultrapassa em muito), e abrange um amplo espectro de considerações a propósito de *A casa de Astérion*, tecidas pelo autor mediante o entrelaçamento dos fios de suas próprias reflexões com os das interpretações/compreensões de outros autores. Serão focalizados o fascínio de Borges pelos labirintos, o touro como símbolo do caos, a insubmissão e a soberba de Astérion, os elementos bíblicos do conto, a prisão

do indivíduo “no labirinto do próprio eu”, nos “grilhões de uma individualidade que não tem salvação” (GARNICA, 2008, p. 27). Configuram-se aspectos vários, trabalhados pelas vozes de muitos autores trazidos à cena para o diálogo com Vicente Garnica (e o leitor). Encontraremos ainda: a recriação do Minotauro por Julio Cortazar e o realce para a des-heroificação de Teseu operada (como em Borges) também por esse escritor; diversas interpretações sobre o labirinto; a aproximação entre o Astérion de Borges e o mito de Sísifo na palavra de Albert Camus. Chamando a atenção para as muitas possibilidades de se adentrar *A casa de Astérion*, o autor encerra a segunda parte:

... E são várias (são catorze³?) as possibilidades de se adentrar o conto, de conhecer Astérion, de percorrer as galerias de seu labirinto. Aqui, pisando um território que não é nosso, tentamos aproximações a partir de estudos de críticos literários que se debruçaram sobre o tema: aventura de cruzar, ainda que tímida e cautelosamente, portões da diferença, desenrolando o fio que nos foi possível desenrolar (GARNICA, 2008, p. 43).

Na terceira parte, “Filhos de Astérion”, o leitor travará contato com o ex-hanseniano Seu Nivaldo Mercúrio, que narra sua vida, da vinda de seus avós da Itália para o Brasil ao momento em que fala, aos 77 anos de idade. Seu Nivaldo, nascido em Itápolis, em 1927, nos conta que sua mãe morreu aos 32 anos em consequência da hanseníase, doença cujos efeitos ele próprio detectou em si quando criança, aos seis anos. Ele também nos diz que, diferentemente de sua mãe, cuja doença, denunciada, provocou internação e isolamento compulsórios, ele mesmo optou por se internar voluntariamente aos 17 anos, em 1945, e continua a viver no mesmo lugar, o Asilo Colônia Aymorés, há sessenta anos. Seu Nivaldo discorre longa e minuciosamente acerca da vida que passou na colônia de hansenianos, dos efeitos da moléstia em si mesmo e em outros pacientes, dos diferentes tratamentos usados, no decorrer do tempo, para combatê-la, de suas percepções sobre a segregação e a exclusão dos acometidos pela lepra, das tentativas frustradas de fuga empreendidas por eles. Ele registra, também, que a instituição onde ficou internado, que chegou a ter 1900 pacientes, no momento de sua narrativa

³ Aqui o autor estabelece cumplicidade com o conto de Borges, no qual o número catorze aparece várias vezes com o significado de “infinitos” (na boca de Astérion).

abriga ainda cerca de 80 pessoas, das quais 47 são, como Seu Nivaldo, ex-hansenianos. Seu Nivaldo se preocupa com a preservação da memória da colônia de hansenianos, e, ainda vivendo no lugar onde ela existiu, trabalha por essa memória e valoriza seu interesse:

Quanto ao trabalho que faço aqui, ajudando na preservação da Colônia, eu acho que ele é importante porque as coisas mudaram e é interessante a gente saber como elas eram. É importante preservar uma coisa histórica, um patrimônio [...] Muita coisa já foi demolida. Depois que acabou a internação compulsória, em 1968, já não se interna mais ninguém. Algumas pessoas vêm morar aqui, mas mais ninguém quer... A internação compulsória acabou porque a cura da doença foi descoberta [...] Mas é bom preservar o que foi feito, o prédio bonito, a igreja. Nada disso pode ser demolido (GARNICA, 2008, p. 65-66).

A narrativa, a terceira parte do ensaio, é concluída com Seu Nivaldo afirmando que deseja permanecer no mesmo lugar: aos 77 anos, ele prefere ficar no Instituto Lauro de Souza Lima – Hospital de Pesquisa (o antigo Asilo Colônia Aymorés, onde foi internado aos 17 anos) a ir embora.

A quarta parte, “Mineração, decomposição, desconstrução: análise?” representa, segundo Garnica comenta na Introdução, uma tentativa de apreensão do depoimento do ex-hanseniano Seu Nivaldo. Essa tentativa de apreensão terá seu centro nas intenções do autor em relação aos textos literários, intenções essas que ele, estabelecendo conexões com a história oral, buscará esclarecer por diversas vezes:

... Tentaremos tão-somente exercitar as potencialidades de alguns textos literários – e portanto artísticos – para a apreensão do que não somos nós (uma apreensão que nos auxilia, ao fim e ao cabo, a nos situarmos como o que somos), num exercício de análise de uma história de vida: um processo de mineração do outro a partir do relato de suas vivências (GARNICA, 2008, p. 71).

Propomos algo distinto, ainda não configurado no universo das tramas teóricas sobre história oral [...] focar as potencialidades que as Formas Artísticas⁴ carregam para

⁴ O autor se baseia na obra *Formas simples*, de André Jolles.

nortear – e deixar-se nortear – pelas narrativas geradas em projetos de história oral (GARNICA, 2008, p. 85).

... não tentaremos teorizar sobre literatura ou sobre seus conceitos, muito menos tentaremos estabelecer procedimentos para analisar depoimentos a partir de metáforas ou criações literárias específicas. A intenção deste ensaio é tão-somente exercitar uma possibilidade, a saber, aquela de, a partir de algumas criações literárias (que uma série de circunstâncias tratou de colocar em nosso caminho), conduzir a análise de narrativas orais (GARNICA, 2008, p. 86).

O que Garnica propõe, assim, é que a análise de depoimentos seja exercitada mediante uma parceria com as formas artísticas, especialmente as literárias. Essa proposta de realização de um “exercício de contraponto entre as tramas narrativas de um depoimento coletado para um estudo em história oral e algumas tramas narrativas das Formas Artísticas e Eruditas” (GARNICA, 2008, p. 89) é empreendida, então, no ensaio, entre o depoimento de Seu Nivaldo e *A casa de Astérion*. Como foi visto no comentário que fizemos sobre a terceira parte do livro, Seu Nivaldo vive, até o momento de sua narrativa, num antigo asilo-colônia, remanescente das políticas de saúde implementadas no Brasil na década de 1930. O Aymorés é uma das instâncias resultantes das ações do Departamento de Profilaxia da Lepra (DPL), de São Paulo, contra a hanseníase. O ensaio faz diversas aproximações entre a narrativa de Seu Nivaldo e o conto de Borges, como por exemplo: Seu Nivaldo é, como Astérion, prisioneiro de um labirinto (o Aymorés); Seu Nivaldo, como Astérion, vive uma condição de monstro (por sofrer de uma doença estigmatizada); Seu Nivaldo, como Astérion, narra os jogos de que participa/participou na vida no labirinto Aymorés, e alguns são produtos de sua fantasia, como os de Astérion.

Da lepra como maldição, vergonha, pecado, estigma, e das consequências dessa postura da sociedade – o isolamento dos doentes e a discriminação por eles experimentada –, Vicente Garnica conduz o leitor a autores que estudam as estratégias da contemporaneidade para criar demônios sociais que acabam por se tornar monstros. Os monstros representam o desvio,

e Seu Nivaldo e Astérion são desviantes, que “insistem em nos deixar face a face com o que o centro exige que criamos periferia” (GARNICA, 2008, p. 100). A narrativa de Seu Nivaldo segue sendo analisada mediante a tematização das dicotomias centro-periferia, herói-monstro, igual-diferente por diversas perspectivas. Dentre elas, o autor mobiliza a contribuição de Norbert Elias em *Os estabelecidos e os outsiders* para buscar compreender os pontos do relato do ex-hanseniano voltados para o status e as relações de poder na sociedade na qual ele foi incluído – a do labirinto Aymorés – ao ser excluído da sociedade dita normal.

Ao mesmo tempo em que transporta o leitor para diferentes possibilidades de interpretação do depoimento de Seu Nivaldo (aspectos sociológicos, históricos, antropológicos, culturais, literários, pictóricos), Garnica usa o exercício apresentado como estratégia para convencer o mesmo leitor em relação às potencialidades da análise rizomática que propõe. Tal análise, que transcende o caso particular focalizado, se realiza com “cada fio do rizoma permitindo compreensões, cada trama permitindo novas justaposições que não necessariamente impliquem algum florescimento definitivo” (GARNICA, 2008, p. 111).

Em sua conclusão, a quarta parte do ensaio investe em dimensões mais propriamente metodológicas do trabalho do pesquisador com as narrativas em geral, dialogando especialmente com as considerações de Antonio Bolívar acerca dos modos paradigmático e narrativo de conhecimento a partir de relatos biográfico-narrativos, e dando particular atenção ao modo narrativo de uma investigação biográfico-narrativa. Parafraseando o final de *A casa de Astérion*, anteriormente citado neste texto, Vicente Garnica termina essa parte dirigindo-se aos leitores:

O sol da tarde bateu com força. Talvez esperassem um alinhavo, uma conclusão, um aviso de que o final se avizinhava.

– Acreditarás? – dirão com a face incendiada. – Depois de tantos monstros, autores, análises e histórias; tanta pretensa erudição, tanto caos... acabou assim? (GARNICA, 2008, p. 124).

O final, contudo, está longe de se avizinhar, e o leitor, após “tantos monstros, autores, análises e histórias; tanta pretensa erudição, tanto caos...” tem pela frente a quinta e mais longa parte do ensaio, as “Circunstâncias, contingências, complementações, conveniências”. Diferentemente das quatro partes anteriores, as 84 páginas que compõem esta última parte são distribuídas segundo diversos subtítulos. Nelas, o autor desvenda ao leitor segredos da arquitetura do ensaio nas partes precedentes. Como Vicente Garnica encontrou Seu Nivaldo e como foram coletados seus depoimentos; como entrou em contato com *A casa de Astérior*; como começaram a ser tecidos os vínculos entre Seu Nivaldo e o conto de Borges; como foram achadas e lidas obras as mais diversas, postas em relação com esse mesmo conto e com Seu Nivaldo; como ainda outras referências passaram a participar da análise da narrativa de Seu Nivaldo: esses são alguns dos temas abordados na última parte do livro. O autor os trata buscando ilustrar algo que lhe parece essencial ao pesquisador que se dedica a estudos em história oral:

evidenciar o caminho das pedras e sugerir que uma estrutura de certa forma organizada pode surgir (e surge) de processos que se iniciam e percorrem um intrincado caminho, uma alameda plena de desvios e atalhos, cada um dos desvios e atalhos plenos de outros desvios e outros atalhos (GARNICA, 2008, p. 149).

Contudo, em lugar de acenar ao pesquisador com a ideia de clareza e facilidade desse empreendimento, ele lhe chama a atenção para o fato de que existe a possibilidade de se perder num “intrincado caminho”. Reconhecer tal possibilidade, antes de se constituir como um entrave, deve ser o cerne da abordagem qualitativa de pesquisa. Não se pense, entretanto, que tal perda configure um abandono do método: esta quinta parte do ensaio ainda contém uma explicitação do autor quanto à concepção de método que o acompanha, uma “flexibilização” da concepção cartesiana que se lhe afigura “pertinente e necessária” (GARNICA, 2008, p. 151). Como o leitor depreenderá, essa concepção flexibilizada de método, na qual certeza e ausência de erro são trocadas pelo achamento de um ponto de apoio e de uma via de aproximação, estabelece perfeita sintonia com a proposta de Garnica para este ensaio e

para as investigações de natureza qualitativa.

Além do já comentado, o leitor familiarizado com o trabalho do autor terá, no decorrer desta parte final, a oportunidade de revisitar o conteúdo de alguns de seus escritos anteriores na temática da história oral (GARNICA, 2003, 2004, 2006), agora articulado à descrição dos procedimentos de elaboração de roteiros, gravação, transcrição e textualização de entrevistas executados por ele em relação a Seu Nivaldo. Garnica revela ao leitor ter sentido o desejo (e mesmo a necessidade) de ele próprio, para elaborar a sua tese de livre-docência, realizar um trabalho em história oral com os procedimentos normalmente postos em ação por seus orientandos. Insere no texto uma longa seção sobre pesquisa qualitativa, na qual explicita sua principal postura na abordagem qualitativa – a de que nela, as compreensões se formam em trajetória – e discorre sobre categorias, classes, agrupamentos, em conexão com essa postura, remetendo-se à análise da narrativa de Seu Nivaldo para elucidar melhor ao leitor, mais uma vez, não apenas sua proposta para as pesquisas de natureza qualitativa em geral e aquelas que se valem da história oral em particular, mas sua própria realização, no caso em foco, de um “exercício pleno de incertezas – caótico” (GARNICA, 2008, p. 168).

Vim, até agora, “guiando” o leitor desta resenha pelas salas e galerias de um livro-labirinto intitulado *A experiência do labirinto: metodologia, história oral e educação matemática*, e nada foi dito acerca da terceira expressão de seu subtítulo. A educação matemática, com efeito, só entra em cena à página 170, quando o autor pergunta: “Mas como inscrever este ensaio na área da educação matemática?” Ele se volta, então, para uma discussão sobre o campo na qual focaliza sua possível disciplinarização com apoio no trabalho de Antonio Miguel e concorda com ele quanto à dificuldade ou mesmo à necessidade de um tal projeto; aborda e reflete sobre sua própria atuação como educador matemático no interior de um departamento de Matemática; discorre sobre a área de pesquisa em que se tem aventurado, a formação de professores, e suas possíveis vertentes metodológicas. Garnica busca, a seguir, explicitar as vinculações entre o ensaio sobre história oral constituído a partir do depoimento de Seu Nivaldo e a educação matemática. Essas vinculações residem (como qualquer conhecedor da obra do autor já terá percebido) na

associação de tudo o que envolve o trabalho com Seu Nivaldo às perspectivas do grupo de pesquisa liderado por Vicente Garnica, o GHOEM-Grupo de Pesquisa em História Oral e Educação Matemática. E o autor nos explica que, embora o objeto de estudo, no caso de Seu Nivaldo, não pertença à seara da educação matemática, ao se caracterizar como “uma meta-análise, uma análise sobre a análise, a análise de um método e suas potencialidades e limitações, uma análise desenvolvida em trajetória” (GARNICA, 2008, p. 179), o ensaio pode ser inscrito como uma contribuição à educação matemática, por se constituir num exercício sobre um recurso metodológico que se tem revelado significativo especialmente para estudos históricos da formação de professores de Matemática no Brasil.

As páginas finais do livro expõem o desenvolvimento do mapeamento da formação desses professores que vem sendo realizado pelo autor e seu grupo de pesquisa, sobretudo no que se refere ao estado de São Paulo. O leitor dos trabalhos do autor reencontrará aqui, também, o conteúdo de um artigo publicado anteriormente (GARNICA, 2005a), em que é abordada a educação (matemática) “caipira”. O livro é concluído com uma das partes desse artigo, intitulada “Descentramentos: o eu que são muitos e seus vários e variados espaços”, introduzida por uma epígrafe que contém o famoso “eu sou trezentos, eu sou trezentos e cinquenta” de Mário de Andrade. Nesse texto final, o termo “descentramento”, inspirado no teórico Stuart Hall, assume duplo significado. Ele se refere, primeiramente, às disposições de Vicente Garnica para estudos sobre a educação matemática que transfiram seu ponto de partida do centro hegemônico, representado pelas cidades grandes, pelas instituições tradicionais, pelos textos clássicos e pelas figuras mais famosas, para a periferia e os atores anônimos. Garnica acentua que essas disposições possibilitariam iluminar dimensões usualmente deixadas de lado pela pesquisa histórica sobre a educação matemática. A segunda significação atribuída ao termo “descentramento” é aquela presente em trabalhos como Garnica (2005a), nos quais a Matemática, referida ao ensino, ao professor e à sala de aula, deixe de ocupar o centro.

Neste livro, nota-se, ainda, a configuração de um terceiro descentramento: a educação matemática, alocada em terceiro lugar no subtítulo,

após “método” e “história oral”, e reconhecível pelo leitor a partir de temas e títulos somente na última parte, após 169 páginas, também se deslocou do centro. Ela cede lugar ao método, certamente o protagonista do ensaio, o que, aliás, é explicitado pelo autor ao destacar, na Introdução, a presença, na obra, de “um nítido matiz metodológico” e ao afirmar que ela trata das “potencialidades e limitações de uma trajetória metodológica específica, com a pretensão de tecer um quadro geral tendo a metodologia como tema” (GARNICA, 2008, p. 17). E está aí, a meu ver, precisamente, a mais importante contribuição do trabalho, que faz com que seu interesse ultrapasse o daqueles que realizam pesquisas que necessariamente envolvam a história oral para chegar aos que simplesmente aderem, com convicção, às aproximações de natureza qualitativa.

Ocorrerá ao leitor, talvez, que o labirinto incorporado ao título a partir do recurso da forma literária representada pela *Casa de Astérior* de Borges remete também à multiplicidade de perspectivas e de possibilidades de leitura desta obra, que assim pode, conforme penso, ser bem caracterizada como um livro-labirinto. Nesse labirinto, o autor vai seguidamente indicando ao leitor portas pelas quais ele terá que decidir se vale ou não a pena entrar. E entrando, precisará decidir se vai sair por outra porta ou caminhar dentro da nova galeria-labirinto a que a porta escolhida lhe deu acesso. O que apresentei neste texto representa, portanto, nada mais do que algumas possibilidades de entrada, que certamente serão modificadas em outra incursão ao labirinto efetuada por mim mesma. Novas escolhas possivelmente serão feitas, alguns caminhos revisitados. O texto conclama o leitor a buscar entradas e saídas. Não entraremos duas vezes do mesmo modo no labirinto. Outras entradas revelarão ao leitor mais portas, e dois ingressantes no labirinto não escolherão percursos idênticos. Deixei de abrir ou de entrar em várias portas, e até posso ter deixado algumas somente entreabertas, que poderão ser aquelas pelas quais outro leitor optará em seu próprio itinerário. E mais: o que foi lido por mim “não foi o que um autor disse ou pretendeu dizer”, mas o que uma leitura em particular elaborou “a partir dessa intenção de dizer”, para usar as palavras do autor à p. 17.

Contudo, avalio que qualquer leitor que aderir ao pacto proposto pelo

autor na Introdução, e que, de acordo com sua solicitação, “não desistir ante os primeiros estranhamentos” (GARNICA, 2008, p. 16) e lhe conceder “uma cumplicidade e uma disposição de entregar-se à leitura até seu final” (GARNICA, 2008, p. 17), concordará comigo que o apuro da escrita, a pluralidade de referências e perspectivas, a originalidade da abordagem, o refinamento e a profundidade das reflexões fazem deste livro uma contribuição inegável e singular no cenário brasileiro da pesquisa em educação (matemática).

Referências

MARTINEZ, C. F.; FERNANDEZ-GALIANO, E.; MELERO, R. L. **Dicionário de la mitología clásica**. Madrid: Alianza Editorial, 1981.

GARNICA, A. V. M. **A experiência do labirinto: metodologia, história oral e educação matemática**. São Paulo: Editora UNESP, 2008.

GARNICA, A. V. M. História Oral e Educação Matemática: um inventário. **Revista Pesquisa Qualitativa**. Bauru, SP: Sociedade de Estudos e Pesquisa Qualitativos, ano 2, n°. 1, p. 137-160, 2006.

GARNICA, A. V. M. Escolas, professores e caipiras: exercício para um descentramento histórico. **Educação e Pesquisa**, São Paulo, v. 31, n. 1, p. 121 - 136, jan./abr. 2005a.

GARNICA, A. V. M. **Um tema, dois ensaios: método, história oral, concepções, educação matemática**. 2005. 205f. Tese (Livre Docência). Faculdade de Ciências, Universidade Estadual Paulista, Bauru, 2005b. Disponível em <<http://www.ghoem.com/trabalhos>>. Acesso em: 09 set. 2009.

GARNICA, A. V. M. História Oral e Educação Matemática. In: BORBA, M. C.; ARAÚJO, J. L. (Org.). **Pesquisa qualitativa em Educação Matemática**. Belo Horizonte: Autêntica, 2004, p. 77 - 98.

GARNICA, A. V. M. História Oral e Educação Matemática: de um inventário a uma regulação. **Zetetiké**. Campinas, v. 11, n. 19, p. 9 - 55, jan/jun. 2003.

